



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CESAD – Centro de Educação Superior a Distância
Curso de Licenciatura em História

Jailson Vinicius da Silva Santos

O SÃO JOÃO EM SERGIPE: tradição e estilização das quadrilhas juninas

São Cristóvão-SE
2022

Jailson Vinicius da Silva Santos

O SÃO JOÃO EM SERGIPE: tradição e estilização das quadrilhas juninas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Clauderfranklin Monteiro Santos

**São Cristóvão-SE
2022**

RESUMO

Este presente artigo apresenta uma pesquisa referente às quadrilhas juninas do estado de Sergipe. Uma das maiores manifestações culturais do Estado, elas se mantêm vivas na memória da tradição cultural e atuante nos tempos modernos do século XXI. O objetivo do trabalho foi analisar de que forma as quadrilhas juninas se consolidaram em Sergipe e como, ao longo dos anos, elas passaram pelos processos de mudanças, ou melhor, como eles foram se estilizando. O resultado da pesquisa culminou na coleta de informações sobre os diversos fatores que levaram essa estilização, entre eles os concursos de quadrilhas juninas, que refletem na padronização das juninas.

Palavras-chave: Quadrilhas juninas, tradição, estilização.

ABSTRACT

This article presents a research on the quadrilhas juninas of the State of Sergipe. One of the biggest cultural manifestations of the State, these remain alive in the memory of the cultural tradition and active in the modern times of the 21st century. The objective of this work was to analyze how the quadrilhas juninas were consolidated in Sergipe and how, over the years, they went through the processes of change, or rather, how they were stylized. The result of the research culminated in the collection of information on the various factors that led to this stylization, among them the competitions of quadrilhas juninas, which reflect in the standardization of the juninas.

Keywords: Quadrilhas Juninas, tradition, stylization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadrilha São João de Deus – Rua de são João	15
Figura 2: Visão geral do Arraial do “Arranca-Unha”	16
Figura 3: Apresentação de quadrilha na Casa de Forró Gonzagão	17
Figura 4: Apresentação de quadrilha na Casa de Forró Gonzagão	19
Figura 5: Apresentação da Quadrilha Junina Unidos em Asa Branca 2018	21

SUMÁRIO

Introdução	6
1 - UMA HISTÓRIA DAS FESTAS JUNINAS NO BRASIL E A ORIGEM DAS QUADRILHAS.....	8
2 - FESTAS JUNINAS EM SERGIPE (CULTURA, DANÇAS E ARTE – CASOS DAS QUADRILHAS)	13
3 - TRADIÇÃO E ESTILIZAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS EM SERGIPE.....	18
Considerações Finais	23
Referências	24

INTRODUÇÃO

Em um país com diversas manifestações culturais como é o Brasil, torna-se inevitável o não contato com movimentos folclóricos, seja direta ou indiretamente. A pluralidade das regiões é refletida na diversidade das festas, das cores, das músicas, das falas e tudo aquilo que hoje entendemos e podemos denominar como folclore. Mais que um manifesto, essas expressões trazem consigo uma ideia de pertencimento que ultrapassa o momento e seguem sendo repetidas em várias gerações. O contato direto com a experiência folclórica que me fez conhecer mais a fundo esse universo tão encantador e tão mágico, que foi capaz de me despertar sensações únicas e me proporcionar momentos de eterno aprendizado.

Em se tratando de Sergipe, a riqueza dos movimentos folclóricos encanta tanto a todos aqueles que assistem como também aqueles que os vivenciam. Dos trajes as canções, percebe-se a beleza na singularidade de cada expressão artística e a magnitude da pluralidade desses grupos. De uma riqueza sem tamanho, nosso folclore foi e é influenciado por diversas culturas até os dias atuais, por exemplo, a europeia, africana e indígena.

Uma das mais expressivas manifestações da cultura sergipana sem sombra de dúvidas são as quadrilhas juninas. Estas, na qual tive a oportunidade de participar durante alguns anos, se encontram inseridas na tradição dos festejos do mês de junho no Estado. Ricas em suas cores, suas danças e suas apresentações, encantam o povo sergipano e atraem turistas de vários cantos do Brasil para prestigiar de perto os concursos e apresentações das mesmas.

Com o passar dos anos essa manifestação cultural vivenciou diversas transformações. Essas mudanças impactaram diretamente na forma de dançar, no número de dançarinos, nos figurinos e na forma de como se fazer quadrilha. No Brasil, essa dança logo conquistou o povo ganhando um significado mais popular e seria introduzida nos festejos rurais como forma de agradecimento pela fartura da colheita e, também, uma forma de homenagear os santos populares do mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro.

Com esse significado, a dança se manteve até os dias presentes, no entanto, ganhando novas características e outras homenagens que vai além dos santos e da colheita. Entender essas mudanças é um processo um tanto delicado, pois, estamos vivo em um mundo onde as transformações acontecem de forma muito rápida e quando damos de conta simplesmente já aconteceram e continuam a acontecer.

Esses termos, como falado anteriormente, caracterizam o estilo de uma quadrilha em suas danças, seus trajes e suas apresentações. As quadrilhas denominadas tradicionais, trazem em suas vestimentas roupas mais simples, menos elaboradas, passos de danças tradicionais e apresentações mais minimalistas. As estilizadas trazem verdadeiros espetáculos para os arraiais. Com roupas mais sofisticadas, passos de danças mais elaborados e apresentações com grandes aparelhagens e estruturas, comuns nos grandes concursos de quadrilhas no Estado.

Entendendo a importância dessa cultura e toda a riqueza que representa para Estado trarei como objeto de estudo para este artigo um dos principais debates que gira em torno das juninas em Sergipe que é a estilização das quadrilhas no Estado. Pretendo contribuir com esse artigo com a cultura do Estado tão rica em seus detalhes. Também pretendo trazer a conhecimento de todas as questões que envolvem a estilização das quadrilhas para que possamos compreender melhor de que forma ocorreu essas mudanças. Entende-se que trabalhar com a memória e manter viva as tradições culturais é fundamental para a manutenção de movimentos como as quadrilhas juninas e por este motivo, julgo esse assunto extremamente importante, não apenas para Sergipe, mas para o movimento junino em âmbito nacional.

Para isto, dividi este artigo em três partes. Na primeira parte trarei informações sobre o surgimento da dança quadrilha e sua chegada ao Brasil para este capítulo me utilizarei de autores como Luís da Câmara Cascudo, Maria Amália Corrêa Giffoni e outros. No segundo Capítulo falarei sobre o São João em Sergipe e a chegada das quadrilhas no Estado. Para isso, me utilizarei do Livro da professora Aglaé Fontes de Alencar “São João é coisa Nossa” este sem dúvidas uma das maiores obras sobre os festejos juninos de Sergipe. No terceiro capítulo discorrerei sobre o debate existente entre o tradicional e estilizado nas quadrilhas juninas. Para isso, trarei fontes orais através da entrevista concedida pelo quadrilheiro Cleverton Caetano, atuante no São João de Sergipe desde 1995, e também artigos do historiador Elton Coelho sobre esse tema.

Por fim, pretendo trazer neste trabalho a quadrilha como elemento da cultura popular que se transformou através da dinâmica cultural que envolve nossa sociedade, mas que ainda permanece até o tempo presente como parte do tradicionalismo regional. Muito mais do que a reunião de um grupo de pessoas para dançar, quadrilha é a arte e como toda arte, desperta diversos sentimentos em quem consegue a contemplar. A carência de estudos referente a essa temática me motivou a escrever sobre e vejo neste artigo a oportunidade de mostrar, não apenas de mostrar a história, mas também a relevância das quadrilhas. Quadrilha são muitas coisas, mas o principal de tudo, quadrilha é RESISTÊNCIA. VIVA!

I – UMA HISTÓRIA DAS FESTAS JUNINAS NO BRASIL E A ORIGEM DAS QUADRILHAS.

Por diversas regiões do Brasil a quadrilha junina conquistou o seu espaço como dança popular. Sendo esta um dos maiores símbolos da região Nordeste, a dança consegue movimentar diversos setores da economia. Além disso, consegue mobilizar milhares de pessoas que, apaixonadas pelo movimento, mantêm acesa a chama dessa arte tal qual as fogueiras de São João. Uma das maiores manifestações culturais do Brasil, as quadrilhas juninas estão ligadas diretamente aos festejos juninos que tem o seu início com a chegada do mês de junho. No contexto dessa festa, são celebrados tradicionalmente os santos da igreja católica Santo Antônio, São João e São Pedro. Essa ligação com os santos da igreja católica é uma herança cultural que foi trazida pelos colonizadores portugueses e está associada diretamente com a celebração da colheita do milho.

A festa de São João tomou dimensões que ultrapassaram as dimensões religiosas e foi gradativamente a incorporada ao folclore brasileiro. Mesmo tomando outros rumos, os festejos juninos ainda assim possuem características religiosas em todo o seu contexto, seja nas celebrações com danças, brincadeiras e costumes. O dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, marca o início do ciclo junino. Este, conhecido como santo casamenteiro e protetor da fertilidade feminina é personagem principal em muitas arraias em história contadas pelas quadrilhas juninas. Adiante, temos outro santo que também marca este ciclo, talvez o mais famoso entre os três, que é São João, este celebrado no dia 24 de junho e é conhecido como protetor dos casados e dos enfermos. Finalizando a tríade de santos juninos temos São Pedro, santo protetor dos pescadores, e é celebrado no dia 29 de junho. Dentro deste calendário festivo, a quadrilha se incorporou e ganhou papel de destaque neste período e permanece assim até os dias atuais.

Em se tratando do surgimento da dança quadrilha, é sabido que sua origem se deu na Europa. Porém, existem alguns autores que divergem com relação a localidade exata. Para Albuquerque:

Etimologicamente, a palavra ‘quadrilha’ é proveniente do francês *quadrille*, do italiano *quadriglia* ou *squadro* e do espanhol *cuadrilhas* que remetem à disposição de pares em forma de quadrado. A quadrilha surgiu em Paris no século XVIII tendo o seu precursor Philip Musard[...]” (ALBUQUERQUE, 2013, p.44)

Por motivos de familiaridade com os ingleses, existem alguns pesquisadores que atribuem a origem da quadrilha junina proveniente da Inglaterra, à exemplo de Priscila Silva:

A quadrilha Junina é uma dança coletiva de origem inglesa, que surgiu por volta dos séculos XIII e XIV. O contato cultural entre a França e a Inglaterra, durante a guerra dos Cem Anos, fez a França adotar a dança, que, levada para os palácios, tornou-se nobre, vindo a espalhar-se por toda a Europa, integrando as festas da nobreza. (SILVA, 2009, p.1)

Apesar dessas diferentes vertentes, entende-se que a dança quadrille que chega ao Brasil é a de origem francesa e a mesma ganha popularidade por toda a Europa. Em sua obra “São João é coisa nossa” Aglaé Fontes fala sobre a origem dos festejos juninos:

Trazido para o Brasil por influência portuguesa, o festejo é resultante da aglutinação dos cultos pagãos em louvor a terra com a data de nascimento do santo católico João, que teria sido o preparador da vinda de Cristo. Por outro lado, os pesquisadores do folclore junino consideram Portugal como o país que conseguiu reunir ao seu espírito religioso as credices, adivinhas, agouros e superstições de cultos desaparecidos, muitos deles de origem pagã. (ALENCAR, 1990, p.6)

De acordo com Giffoni (1973), a dança trazida pela família real portuguesa à colônia no século XIX, inicialmente chamada de “Pas de Dance” e depois chamada de Quadrille (diminutivo da palavra inglesa Square, que significa quadrado), teve sua origem na França e rapidamente espalhou-se por diversos reinos da Europa. Nos salões reais do Rio de Janeiro a dança foi ensinada pelos maestros franceses Milliet e Cavalier aos brasileiros e portugueses frequentadores destes espaços. O ritmo e os passos da quadrilha original francesa logo caíram no gosto do público até então restrito a alta sociedade, contudo, sua popularidade iria alcançar outras esferas da sociedade.

Durante todo o período em que a corte portuguesa estabeleceu-se no Brasil, a dança tornou-se presente nos bailes do Brasil colonial e também após a sua independência em 1822. De acordo com Giffoni (1964), nos salões frequentados pela alta sociedade, era dançada com suas características originais, ou seja, com quatro pares em duas fileiras. Todas as 16 pessoas presentes no centro do salão faziam evoluções dos passos em 5 partes. Estas eram ditadas pelos mestres que atendiam a corte naquele período e estes ditavam em Francês cada parte iniciada e encerrada depois de palavras de ordem como “na avant” e “na arnière”. Estas expressões, inclusive, estão presentes até os dias atuais e são utilizadas pela pessoa do marcador da quadrilha, porém, sofreram algumas alterações

ao longo dos anos.

As alterações de algumas expressões utilizadas na versão original da dança estão ligadas diretamente a popularização que a quadrille ganhou no Brasil ao longo dos anos. A aristocracia brasileira da época vivia sempre voltada as modas europeias e em pouco tempo a quadrilha foi tornando-se popular entre a sociedade palaciana. Não demorou muito para que a mesma atingisse as camadas mais subalternas da sociedade. A plebe “danou-se” a dançar e adicionar características próprias.

Longe da estética francesa, em forma de ironia e paródia à corte brasileira, o festejo ganhou forma de manifestação popular e até os tempos presentes permanece desta forma, porém, hoje possui diversos novos elementos que foram sendo adicionados com o passar dos anos. Cascudo (1972), sendo este um dos maiores pesquisadores populares afirma que: “A quadrilha não só se popularizou como dela apareceram várias derivadas no interior. Assim a ‘quadrilha caipira’, no interior paulista. ‘baile sifilito’ na Bahia e Goiás, a saruê (deturpação de soirée), no Brasil Central” foram surgindo, sendo assim, podemos perceber as dimensões que a dança tomou por todo país.

Em sua obra “Dicionário do Folclore Brasileiro” Câmara Cascudo no apresenta uma definição do que seria quadrilha junina:

A grande dança palaciana do século XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte de qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes gritadas pelo ‘marcante’, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial aos sertões. (CASCUDO, 1972).

Marcante, aplaudida, desde o palácio imperial aos sertões. Parece que, de certo modo, o autor consegue traduzir um pouco do que se tornou a dança que conquista milhares de adeptos em todo o país até o tempo presente. Uma festa de cores, sabores, sensações e amores. As festas juninas tem um espaço reservado no coração daqueles que amam e vivem a cultura popular.

Aqueles que amam as festas juninas se integram como uma grande sociedade. Cada pessoa que vive os festejos juninos sente a alegria, seja participando diretamente ou indiretamente do espetáculo, em festejar os santos São João, Santos Antônio e São Pedro e dançar quadrilha nos arraiais. Muitas das relações firmadas entre aqueles que vivenciam o São João estão intimamente ligadas ao processo de preparação para os festejos do mês

de junho. Podemos nos utilizar como exemplo os ensaios das quadrilhas juninas como um dos momentos onde os laços de amizade e companheirismo são firmados com a finalidade de realizar um belo espetáculo para os concursos e apresentações que serão realizados durante todo o período festivo.

Em se tratando de apresentações e concursos, se antes a dança quadrilha estava associada a salões e a vilas de interior, nos dias atuais temos verdadeiros espetáculos com grandes estruturas dignas de cinema. Um dos maiores e mais conhecidos destes concursos é o Festival de Quadrilhas Juninas da TV Globo. Chamados por muitos quadrilheiros de “O Oscar das Quadrilhas Juninas”, este é um concurso que reúne campeãs estaduais dos concursos promovidos pelas filiais da rede globo nos estados do nordeste. O concurso vem sendo realizado nos últimos anos na cidade de Goiana em Pernambuco e reúne milhares de pessoas de diversos estados para ver as grandes apresentações. Deste campeonato, apenas uma sai com o título de campeã e ostenta o título de melhor quadrilha do nordeste naquele ano.

No que tange a quadrilha junina enquanto organização podemos dizer que se trata, em sua maioria, de uma tarefa comunitária organizada por pessoas que por livre vontade somam esforços para que, mesmo com baixos orçamentos, os grupos existam e permaneçam dentro do ciclo junino. A maioria de seus componentes são jovens de classe média-baixa e, com muitos esforços, brincam o São João de forma apaixonada e se realizam enquanto participantes do movimento. Um dos aspectos que chama muita atenção é o caráter profissional que esses grupos assumiram com o passar dos anos. Em algumas quadrilhas Juninas temos grandes equipes responsáveis por cenários, figurinos, sonoplastia e outros elementos que compõe os espetáculos e estas dentro do meio junino são conhecidas como “quadrilhas grandes”. Este termo vem sendo muito criticado e debatido dentro da comunidade, pois, não seria correto determinar que uma quadrilha seria maior que outra.

Uma figura marcante nos espetáculos de quadrilha é a do marcador. Este tem um papel fundamental durante todo o processo de apresentação de uma quadrilha, pois, ele é o responsável por marcar os momentos em que a quadrilha irá realizar os passos elaborados durante os ensaios. Existem algumas mudanças no papel do marcador de estado para estado; existem os que apenas falam palavras de ordem durante a dança para a troca de movimentos e existem aqueles que, além de dar ordens aos brincantes, também conta a história relacionada ao tema que a quadrilha está trazendo naquela apresentação.

Alguns movimentos que fazem parte das apresentações são: Anavantur; Anarriê; Jabaculé; Serrote; Grande roda; Lancê; Caminho da roça; Passeio dos namorados; Túnel; Serrote; Travessê de cavalheiros e de damas; Caracol; etc.

Percebe-se que alguns destes movimentos possuem nomes que são similares aos comandos utilizados pelos maestros franceses enquanto dança quadrille. Um dos motivos que poderiam explicar essa adaptação é que a partir do momento em que a dança chega as populações de classes mais inferiores, as palavras ditas em francês começam a receber adaptações para o dialeto mais similar ao do interior.

As apresentações de quadrilhas também se fazem presentes nos festejos juninos de escolas, em bairros com grupos pequenos realizados de forma espontânea durante o mês de junho. Estas por sua vez têm um caráter mais simplista e com traços matutos, diferentemente das que se apresentam em grandes festivais e concursos espalhados pelas cidades. Geralmente, a maioria das pessoas tem o primeiro contato com quadrilha nas festas escolares. Vale ressaltar a importância dessas formas de manifestações, mesmo que de forma mais tradicional, para a manutenção da quadrilha junina como parte do movimento folclórico brasileiro. Pois, entendendo o movimento feito pelo povo e para o povo é importante que o mesmo esteja chegando em diversos locais.

2 – FESTAS JUNINAS EM SERGIPE (CULTURA, DANÇAS E ARTE – CASOS DAS QUADRILHAS)

Sendo esta uma das maiores festas do ano, e também uma das mais aguardadas pelo povo, a festas de São João tem seu espaço reservado no calendário festivo de Sergipe. A “melhor época do ano”, assim chamada por muitos, de longe é um dos períodos mais aguardados por milhares de pessoas que esperam ansiosamente os eventos que ocorrem durante todo o mês de junho tanto na capital como no interior do estado. O brilho das fogueiras, as ruas enfeitadas com bandeiras, as comidas típicas (destaque para o milho), as luzes dos fogos de artifícios e os trios pés de serra que ao som da zabumba, do triângulo e da sanfona tocam e encantam em diversos locais e são característicos dos festejos que movimentam diversos setores da sociedade.

Sergipe sempre foi destaque em âmbito nacional pelo seu folclore e também por suas festas realizadas no mês de junho. Destino certo de diversos turistas de todo país, o estado encanta por toda sua cultura e sua forma de celebrar o período junino. Dentro desse

grupo podemos destacar alguns dos eventos que já fazem desses festejos, como por exemplo, na cidade de Estância o tradicional Barco de fogo e as batalhas de buscapé, a festa do Mastro e os valentes bacamarteiros na cidade de Capela que ocorre do dia de São Pedro (29 de junho) e as tradicionais festas nas cidades de Areia Branca, Lagarto, Itabaiana, Japaratinga, dentre outros. Na capital, se destaca o Forró Caju, evento que reúne milhares de pessoas na praça dos mercados no centro da cidade, e prestigiam apresentações de cantores regionais e nacionais, a Vila do Forró que acontece na praça de eventos da Orla de Atalaia que também atrai pessoas de todos os cantos.

Juntamente com essas manifestações uma delas que também se destaca nesse período são as quadrilhas juninas. Não existe a possibilidade de desassociar São João em Sergipe e quadrilhas juninas, pois, estas se fazem presente nestes festejos há muitas décadas e tem um papel importante tanto cultural tanto econômico. Durante o mês junino, diversos grupos se apresentam nos concursos espalhados em Aracaju e em cidades do interior. Além disso, durante diversos eventos no mês de junho as quadrilhas se apresentam e encantam tanto a população local, tanto os turistas que escolhem Sergipe como local para visitar nesta época do ano. Alguns dos concursos mais tradicionais acontecem na capital: Levanta Poeira, Gonzagão, Seu Menino, Rua de São João, Arraial do Arranca Unha, Jubiabá, etc. Outros concursos acontecem em outras cidades do interior como em Estância e Itabaiana.

O processo de preparação ocorre meses antes do mês de junho chegar. Por volta de outubro e novembro inicia-se um novo ciclo junino para os quadrilheiros de todo o estado. A organização para um novo ano é fundamental para grupos que, por diversos motivos, não recebem grandes incentivos para se manterem funcionando a fim de conseguirem colocar as quadrilhas dentro dos arraiais. Para que um grupo junino possa apresentar-se nas principais competições e eventos do estado faz-se necessário atender uma série de atribuições como ter um grupo musical (sanfoneiro, zabumbeiro, triangleiro, cantores, etc.), costureiras para confecções dos trajes utilizados pelas quadrilhas e o principal de tudo, precisa-se de pessoas para formar o grupo.

As festas juninas fazem parte da cultura local do povo de Sergipe e a mesma, ano a pós ano, vem sendo celebrada. Porém, este modelo que vemos nos dias atuais foi pouco a pouco sendo construído ao longo do tempo novas formas de celebração foram sendo inseridas, pois, em décadas passadas o São João em Sergipe era celebrado de uma forma bem diferente. Uma das contribuições para o livro “São João é coisa nossa” da escritora

Agláé Alencar é um texto do professor José Cruz. Intitulado “As festas de São João no Aracaju do passado”, segundo Alencar o mesmo foi escrito por volta dos anos 60. Nesse texto, Cruz descreve com detalhes informações referentes aos festejos juninos no Estado:

Até o ano de 1930, realizavam-se anualmente, neste município de Aracaju (quadros urbano e rural) , no período compreendido entre 23 a 29 de junho, autênticas e animadas recreações e brinquedos populares (todos de motivo religioso cristão), conhecidos pela designação de ‘festas de São João’ (uma das três festas do ano, como se dizia, na época), compreendendo novenas (de São João e São Pedro), ‘sambas’ (que alguns chamavam ‘samba de coco’ ou simplesmente ‘coco’, principalmente as pessoas naturais do vizinho Estado de Alagoas, mas residentes em Aracaju), danças, queima de fogos, acender fogueiras, soltar balões e adivinhações. (ALENCAR, 1990, p. 126).

Percebe-se que alguns dos costumes que ocorriam antes continuam até os tempos atuais, como as danças, queima de fogos e acender fogueiras, porém, outros elementos foram sendo inseridos nos festejos e, segundo Cruz, estes não faziam parte da cultura e do folclore sergipano e sim foram trazidos de outras regiões. Sobre esse processo ele diz:

Infelizmente o que é de lamentar, as nossas tradicionais ‘festas de São João’, tão do agrado do nosso povo, porque autênticas, acham-se hoje em dia completamente deformadas com a introdução de novas brincadeiras importadas, principalmente dos Estados da Guanabara e São Paulo, quais sejam as chamadas ‘quadrilhas de caipiras’ e ‘arraiás’. Não fazem parte essas brincadeiras, como se depreende do folclore sergipano. Quanto aos ‘arraiás’, temos a impressão de que eles são originários de Portugal. Lá é que tem lugar festas populares dessa natureza [...]. (ALENCAR, 1990, pag. 126).

Da mesma maneira que a dança quadrilha foi sendo modificada através do processo de aculturação e sendo alocada nos festejos juninos, a celebração junina também foi recebendo suas alterações. Se nos dias atuais as quadrilhas tem um papel de destaque nos festejos juninos, em tempos anteriores a mesma não fazia parte das celebrações:

Com referência à ‘quadrilha’, com todas as suas peculiaridades, não era dançada em Aracaju durante das ‘festas de São João’, mas sim, durante os elegantes bailes de outrora, realizados em nossa capital, nas chamadas residências aristocráticas, ao som de boas orquestras existentes na época ou de simples piano. As danças que ali se realizavam com a comparência da melhor sociedade do Aracaju, eram animadas pela Orquestra de Mestre Cula. (ALENCAR, 1990, pag. 127).

É até estranho imaginar o São João de Sergipe sem as tão famosas quadrilhas. As quadrilhas como nós conhecemos começaram a surgir no final da década de 40. Um dos maiores palcos dos festejos juninos de Sergipe, a Rua São João, neste ano, completa 112 anos de existência. Desde os anos de 1910 neste local, localizado no Bairro Industrial em Aracaju, festeja o santo mais famoso do ciclo junino com muita dança, louvores e tradições que permanecem até hoje. Foi no ano de 1949 que um grupo de moradores da rua tiveram a ideia de montar uma quadrilha. Surgia ali a Quadrilha São João de Deus. Segundo Aglaé: “O nome nasce junto com a ideia – Quadrilha São João de Deus – uma vez que pertencia a própria rua. Foi no São João de 1950, que ela se apresentou pela primeira vez.” (ALENCAR, 1990, pag.179).

FIGURA 1 - QUADRILHA SÃO JOÃO DE DEUS – RUA SÃO JOÃO



Fonte: livro “São João é coisa nossa”

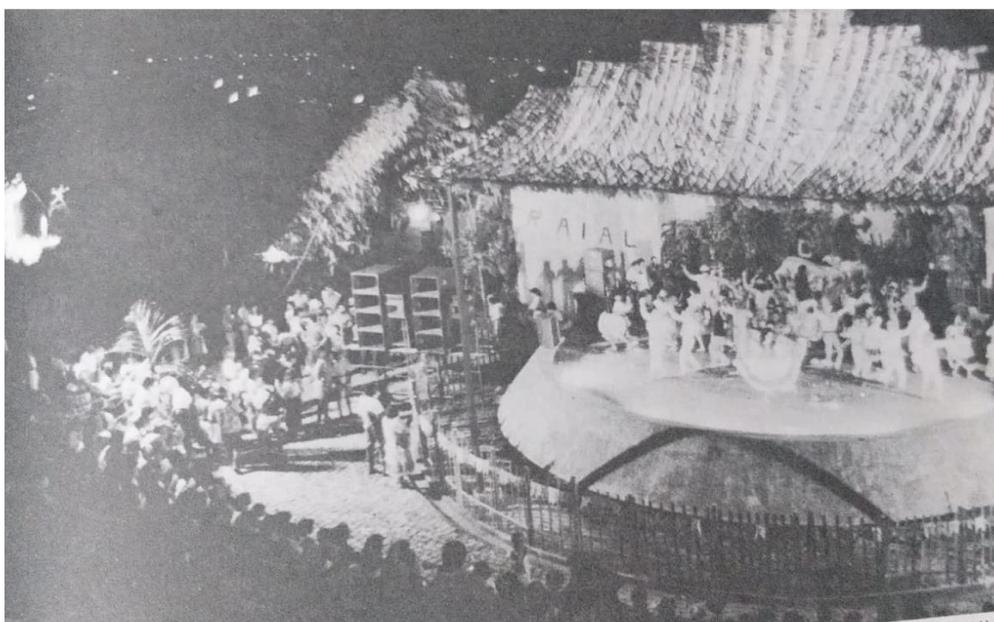
Naquele período haviam apenas apresentações na Rua de São João, porém, ao longo do tempo, outras quadrilhas de outros bairros começaram a se apresentar também na rua de São João. Segundo Aglaé, nesse período não havia nenhum tipo de premiação pois, não haviam concursos, as quadrilhas simplesmente iam para poder se apresentar e

animar os festejos que ocorriam no local. Porém, o ano de 1954 surge a ideia da criação de um concurso:

Foi justamente em 1954, que começou a surgir a ideia de organização de um concurso na rua de São João. A ideia foi sendo analisada, discutida entre os organizadores dos festejos e em abril de 1955, foi confirmada a criação do CONCURSO DE QUADRILHAS, que a partir de 23 de junho passou a acontecer, participando dele seis quadrilhas. (ALENCAR, 1990, pag. 180).

Deste período em diante, diversos espaços com o propósito de reunir pessoas para celebrar os festejos juninos começaram a surgir em Aracaju. Um dos maiores exemplos foi o “Arraial do Arranca-Unha” em Aracaju. Entre os anos 50 e 60 a festa tomava conta das ruas que circundavam a praça Saturino de Brito localizada no bairro Suissa em Aracaju. Segundo Aglaé, a festa era liderada pelo sr. João da Cruz e conseguia mobilizar toda a comunidade. Anos mais tarde, esse mesmo espaço veio receber o nome de Centro de Criatividade, porém, nos dias atuais, durante o mês de junho acontece o tradicional “Concurso de Quadrilhas Juninas ‘Arranca-Unha’”. Este, assim como tantos outros, são concursos muito tradicionais no período junino do Estado e recebem quadrilhas tanto da capital como do interior.

FIGURA 2 - Visão geral do Arraial do “Arranca-Unha”



Fonte: livro “São João é coisa nossa”

Um outro espaço, este mais recente que os demais, também faz parte do São João de Sergipe e por ele diversas festas já passaram é a Casa de Forró Gonzagão. Em uma homenagem ao eterno rei do baião, segundo Alencar (1990, p.233): “A obra foi entregue à comunidade no dia 22 de junho de 1990, pelo governador do Estado, Dr. Antônio Carlos Valadares”. A casa fica localizada no Conjunto Augusto Franco, um dos bairros mais populosos de Aracaju, e é um verdadeiro marco para o ciclo junino no Estado, pois, ao mesmo tempo em que recebe diversos cantores e outras atrações culturais, recebe um dos mais tradicionais e esperados concursos de quadrilhas juninas.

FIGURA 3 - Apresentação de quadrilha na Casa de Forró Gonzagão.



Fonte: livro “São João é coisa nossa”

Destaca-se a importância desses espaços para a propagação das diversas manifestações que ali se apresentavam e principalmente para as quadrilhas juninas do Estado. Entendendo a quadrilha junina como parte das danças culturais de Sergipe, ter locais nos quais os seus componentes possam mostrar a sua dança é, sem dúvidas, de extrema relevância para a manutenção da arte e cultura de seu povo. O movimento junino era e ainda é feito do povo e para o povo.

3 – TRADIÇÃO E ESTILIZAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS EM SERGIPE

Percebe-se que em diversos aspectos os festejos juninos passaram por transformações ao longo dos anos e de igual modo as quadrilhas juninas. Essas mudanças são diversas vezes questionadas por parte da população que acompanham as apresentações, como também pelos próprios quadrilheiros que vivenciam de fato a rotina de uma quadrilha junina. Questões relacionadas a estas geram muitos debates dentro e fora do ciclo junino, existem aqueles que normalizam essas alterações e também aqueles discordam completamente das mesmas. As modificações que ocorreram geraram dentro dos grupos de quadrilha uma classificação que dividem as quadrilhas em dois grupos: as quadrilhas tradicionais e quadrilhas estilizadas.

A primeira vez que tive contato com essas classificações foi no período em que estive pela primeira vez atuante no movimento junino no Estado de Sergipe enquanto quadrilheiro. Esses termos não apenas são comuns no Estado, mas no movimento junino nacional. Para entender melhor essas nomeações fazem-se necessário explicar o significado das palavras tradicional e estilizado. A tradição está quase sempre associada ao passado. No livro: “Dicionário de Conceitos Históricos” os autores Kalina Silva e Maciel Silva dizem que: “Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizados nos costumes de uma sociedade.” (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2006). As quadrilhas juninas estão muito ligadas a tradições por estarem inseridas há muitas décadas em nossa sociedade e, conseqüentemente, serem vinculadas a uma cultura do passado mesmo estando atuante no presente.

No que tange a quadrilha junina tradicional, estas seriam as quadrilhas que trazem em seus elementos roupas simples, ditas como caipiras, danças típicas como xote, xaxado e baião porém com passos mais simples e sem se utilizar de elementos como grupos musicais ou estruturas que compõe um cenário e, geralmente, não trazem temáticas para suas apresentações. Segundo Aglaé Alencar, no Aracaju do passado, eram comuns as quadrilhas possuírem essas mesmas características e faziam suas apresentações de forma espontânea e muito despojada: “A quadrilha se apresentava para a alegria mesmo do povo da rua de São João, embora viessem pessoas de outras ruas para assistir. Não importava se a roupa era boa ou não, a São João de Deus sempre brincava para alegria do povo.” (ALENCAR, 1990, p.179).

FIGURA 4 – Apresentação de quadrilha na Casa de Forró Gonzagão.



Fonte: livro “São João é coisa nossa”

Na tradição podemos encontrar a permanência de uma celebração e também a sua memória nas diversas manifestações que se mostram a nós como uma representação de nossa cultura. As quadrilhas como grupos pertencentes a esse conjunto de expressões da nossa arte ao longo de muitos anos se afirmam como parte da tradição do povo sergipano. A ideia de uma cultura tradicional estática ou intocável permanece no pensamento de muitos que, ao julgar as mudanças ocorridas nas quadrilhas, trazem expressões como “transformismo exagerado” ou “descaracterização da tradição”. O historiador Helton Coelho faz críticas as quadrilhas juninas em um artigo publicado no site da prefeitura de Aracaju dizendo:

Estamos cada vez mais distantes de qualquer conceito mais singular do que venha a ser tradição e, o que é pior, fazendo da dança nordestina, tradicionalmente rural e em louvor aos nossos santos juninos e às colheitas para o transformismo exagerado (e de péssimo gosto) em coreografias banalizantes, de ritmos frenéticos e balés exibicionistas de formas físicas, daquelas disputas entre academias musculares. (COELHO,2012).

Essas informações descritas pelo historiador Helton referem-se a uma apresentação de um concurso de quadrilha junina em Aracaju no ano de 2012. Percebe-se que o mesmo está referindo-se a uma quadrilha tida como estilizada. Para entender melhor o que viria a ser uma quadrilha estilizada faz-se necessário entender o significado da palavra estilizado. De acordo com o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa define-se “Estilizado” como algo que: “Foi alterado com o fim de obter determinado efeito estético ou que foi preparado com preocupações estéticas.” (ESTILIZADO,2022).

Entendendo esse conceito, compreende-se que as quadrilhas estilizadas seriam as quadrilhas que passaram por um processo de mudança, de alteração. As alterações foram diversas e sobre elas o quadrilheiro Cleverton Caetano, atuante no movimento junino desde 1995, em entrevista cedida para este trabalho falou sobre:

Para mim, existe uma diferença muito grande de como se dançava quadrilha antes e como se dança quadrilha hoje. Eu tive a oportunidade de dançar os dois estilos. Eu acho que a forma que se dançava quadrilha antigamente era interessante para aquela época, eu acho que naquela época era interessante das pessoas assistir quadrilha, por que hoje existe uma mudança, as pessoas precisam acompanhar o tempo, se adequar ao tempo e ninguém deixa de dançar quadrilha por que o tempo mudou. (CAETANO,2022).

Durante a entrevista, Cleverton falou sobre sua experiência em quadrilhas juninas como brincante, ou seja, dançando e também como parte da diretoria e o mesmo cita sobre os diversos fatores que acarretou nessa mudança de estilo. Um dos motivos maiores, se não o principal fator, foram os concursos de quadrilhas espalhados não só no Estado de Sergipe, mas também, e principalmente, nos regionais e nacionais. Sobre isso o mesmo afirmou:

(...) as quadrilhas hoje do norte e nordeste elas tiveram que se qualificar, por que os concursos nacionais, brasileiro, Rede Globo Nordeste, Nordeste, eles pediram um padrão, então por isso que a quadrilha tem que entrar no padrão. Se ela quer sair daqui de Sergipe ou de qualquer outro Estado do nordeste para ter um resultado positivo fora do seu Estado ela tem que se adequar a algumas coisas, ela tem que se padronizar e as quadrilhas que não fazem isso no Estado de Sergipe ela não tem um resultado positivo. (CAETANO, 2022).

Para Alencar (1990), as modificações das quadrilhas passaram por mudanças significativas em três casos: Coreografia, Trajes e Música. Sobre isso, a autora descreve: “Uma mudança radical ocorreu em Aracaju quanto às coreografias das quadrilhas. De certo modo, os concursos com seus regulamentos ‘inovadores’ foram responsáveis pela modificação” (ALENCAR, 1990, p.80). As alterações continuaram e além da dança, as roupas dos quadrilheiros mudaram. Se Antes as roupas não importavam, com o tempo ela foi se adequando a um modelo único para as damas e outro para os cavalheiros, sobre isso a autora também argumenta: “[...] o traje passou a ser ‘farda’ – os homens num modelo, as mulheres em outro, mas integrados na cor, no uso de determinados adereços, etc.” (ALENCAR, 1990, p.82). Analisando esses escritos da autora podemos perceber que essa mudança de estilo não é um advento dos tempos atuais e sim um longo processo de anos.

Mudar, alterar, inovar, são palavras que fazem parte do nosso dia-a-dia e estão presentes em diversas esferas da vida. Ao analisar os movimentos folclóricos existentes em nosso país percebe-se que em sua maioria passaram por um processo de estilização. A evolução, ou transformação, dos diversos grupos culturais passa pelas mãos dos próprios componentes que os formam e trazem um significado de crescimento e amadurecimento do evento que os mesmos produzem. As quadrilhas como parte integrante desse movimento cultural e artístico também foi alterada. Sobre isso Caetano (2022), fala:

Por mais que muita gente diga “Ah, mas acabou, ninguém dança mais quadrilha como antigamente.” Quem é que dança forró como antigamente? Quem é que constrói uma casa como antigamente? Ninguém mais. Tudo evoluiu! Só que, o que é necessário dentro de um concurso de quadrilha, que antigamente pedia e hoje continua pedindo é xote, xaxado e baião e isso continua existindo mesmo com toda evolução no meio junino. (CAETANO, 2022).

FIGURA 5 – Apresentação da Quadrilha Junina Unidos em Asa Branca 2018



Fonte: Instagram da quadrilha Unidos em Asa Branca

A quadrilha junina traz em suas raízes uma presença forte da tradição que foi passada de geração em geração. Percebe-se que mesmo com essas mudanças, estranhada por muitos, ainda podemos identificar em diversos elementos de tempos passados presentes até os dias atuais como nas danças do xaxado, do xote e do baião. Os figurinos bem elaborados desenvolvidos por estilistas abrilhantam ainda mais essa festa. Apesar da análise feita referente a padronização das quadrilhas para os grandes festivais, podemos perceber que estes também já fazem parte da tradição dos festejos juninos. As competições entre as juninas são eventos que, além de movimentar o comércio do Estado, consegue reunir os quadrilheiros de diversos locais para poder celebrar essa festa que, ainda tradicionalmente, tem seus santos Santo Antônio, São João e São Pedro como os artistas principais dessa festa e as quadrilhas com toda alegria e animação os festejam.

Um dos pontos que vale ressaltar, ainda ligado aos concursos, refere-se à existência das quadrilhas juninas do Estado. Sobre esta questão o historiador Elton Coelho em um artigo publicado no Jornal do Dia diz:

Estima-se que atualmente existam de 35 a 40 quadrilhas inscritas nas Ligas e ou Associações de quadrilheiros, porém nada garante a presença delas nos concursos, arraiais ou palcos montados para apresentações. Tamanha há a dificuldade de encontrar componentes incentivados à dança, aos estilos que se propagam – tradicional, em maior dificuldade -, estilizada – em evidência com traços de coreografias carnavalescas e ou ritmadas freneticamente -, ou mesmo pela falta de adesão de novos componentes aos quadros das quadrilhas juninas, que também sofreram nos últimos dois anos pelos efeitos danosos da pandemia, proibidos que foram de realizar ensaios, apresentações e ou similares. (COELHO,2022).

Além das dificuldades para encontrar componentes para formar as equipes de trabalho, outro problema enfrentado por diversos grupos é a questão financeira. Para a montagem de um espetáculo são necessários recursos financeiros para custear os diversos gastos que este produz. No que se refere a esses custos Caetano (2022), explica:

(..) Então você já pensou o gasto que você tem para mobilizar uma quadrilha que vem do interior, por exemplo, de Canindé? ela vem quatro vezes para Aracaju, ela aluga dois ônibus, que geralmente uma quadrilha hoje tem 14 pares de cada lado, trio, produção, então seriam dois ônibus, então ela vai pagar pra dançar e antigamente as quadrilhas se mantinham por que eram quadrilhas de família, todo mundo era parente, por amor a quadrilha, gastava para dançar, mas, como é que vamos gastar para dançar em um evento público do governo? Não existe isso, a gente fazendo festa para o governo e o governo não dando nada para quadrilhas? (CAETANO, 2022).

Percebe-se que faz necessário o poder público investir mais nas quadrilhas, tanto financeiramente, como também na divulgação dessa manifestação nas escolas, nos bairros e em diversos municípios para que exista uma manutenção dessa cultura para fins de perpetuação desse movimento em todo Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O debate existente da tradição e modernidade dentro das quadrilhas juninas será um assunto que durante muito tempo ainda ecoará entre a população do nosso estado, assim como vemos esse mesmo debate com outras manifestações em outros Estados a exemplo do próprio carnaval. Analisando o surgimento da dança Quadrille na Europa e sua chegada ao Brasil, podemos analisar que, desde a sua entrada essa dança passou por diversos processos de mudanças. A sua popularização nos bailes aristocráticos do período colonial tornou seus passos conhecidos e reinventados nas regiões interioranas do Brasil. Deste modo, percebe-se que essa “estilização” já era uma prática no que tange a forma de se dançar Quadrille. Ao seu modo, as populações de classes mais baixas foram deixando a dança francesa formal e chique cada vez mais espontânea e alegre.

Essa popularização fez a dança tomar proporções gigantescas, vemos hoje as quadrilhas ocupando espaços em diversas regiões do Brasil e com uma influência maior na região do Nordeste. A dança que tomou um caráter festivo religioso com a sua inserção nos festejos do mês de junho, mês esse de celebração aos santos Santo Antônio, São João e São Pedro, chega em Sergipe como uma novidade a partir dos anos de 1930 e pouco a pouco ganha força e popularidade nas festas de São João. Nos dias atuais, as quadrilhas são consideradas uma marca registrada da nossa cultura e das nossas festas juninas. Não se imagina essa festa tão aguardada sem os nossos famosos concursos de quadrilhas que tomam conta da capital e interior.

Portanto, apesar de toda a luxuosidade das quadrilhas juninas em seus trajes, das danças bem marcadas e coreografadas de forma quase impecável, da padronização que foi sendo aplicadas as mesmas devido aos grandes concursos, as quadrilhas são resistência de nossa tradição. Os quadrilheiros, que vivem as dificuldades de se fazer quadrilha, têm resistido ao tempo e, ao mesmo tempo, produzem uma festa de seus antepassados sendo artistas de sua realidade atual. Não se pode encarar a estilização das

quadrilhas como o extermínio do tradicional. A cultura que vivemos é dinâmica e nossa sociedade está em um constante processo de modificação. Por fim, acrescento a este trabalho o meu carinho e a minha eterna admiração por todos aqueles que fazem e vivenciam essa manifestação tão linda e tão rica. Quadrilha junina é arte, é cultura, é resistência.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Teresa Kátia Alves de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista - Roraima (2001-2011)**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2299>> Acesso em: 19 abr. 2022.

SILVA, Priscila Santos. **Vida de quadrilheiro: notas etnográficas dos bastidores da Quadrilha Junina Século XX – Aracaju – SE**. Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Dias 05, 06 E 07 De agosto de 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/28678984-Vida-de-quadrilheiro-notas-etnograficasdos-bastidores-da-quadrilhajunina-seculo-xx-aracaju-se.html>> Acesso em: 22 abr. 2022.

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **São João é coisa nossa**. Aracaju. FUNDESC/ Ed. J. Andrade, 1990. (Série Memória viva v. II).

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **A dança folclórica brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3ª edição, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1972.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3ª edição, São Paulo, 2006.

COELHO, Elton. Quadrilhas Juninas em Sergipe: da banalização à escola de samba. **Aracaju.se**, 2012. Disponível em: <<https://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=51427>> Acesso em: 01 mai. 2022.

COELHO, Elton. Será o começo do fim das Quadrilhas Juninas em Sergipe?. **Jornal do dia**, 2022. Disponível em: <<https://jornaldodiase.com.br/opiniaio/sera-o-comeco-do-fim-das-quadrilhas-juninas-em-sergipe/>> Acesso em: 03 mai. 2022.

INSTAGRAM. Unidos Em Asa Branca. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bj2UOf-H9v-/>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

ESTILIZADO. Porto Editora – estilizado no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: **Porto Editora**. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estilizado>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

CAETANO, Cleverton. Cleverton Caetano: depoimento [mai. 2022]. Entrevistador: J. Vinicius. Aracaju, 2022. Entrevista concedida para este artigo.